



Recebido em: 15/10/2022

Aprovado em: 19/12/2022

Publicado em: 30/12/2022

O DEBATE SOBRE O PROCESSO DE TRANSIÇÃO E O PAPEL DO SISTEMA DE CRÉDITO EM MARX

THE DEBATE ABOUT THE TRANSITION PROCESS AND THE ROLE OF THE CREDIT SYSTEM IN MARX

LA DEBATO PRI LA TRANSIRA PROCESO KAJ LA ROLO DE LA KREDITA SISTEMO EN MARX

Dr. Ricardo Pereira de Melo²²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o sistema de crédito e do juro na Seção V do Livro 3 de *O Capital* de Marx. Assim, procura-se mostrar como o desenvolvimento do sistema de crédito atua de maneira mais revolucionária, acelerando o processo de extração de mais-valia e, também, acelerando o processo de *negação da negação* do modo de produção capitalista. Diante desse fator importante de compreensão do processo de transição descrito por Marx, defendemos que a chave do processo de transição e a negação do modo de produção capitalista encontra-se nas passagens consagradas sobre o assunto no Livro 3 de *O Capital*, inclusive nas cartas e contatos com a classe trabalhadora na qual, Marx ataca a forma predatória e parasita do capital portador de juros e a importância da organização da classe trabalhadora diante da espoliação causada pelo capital.

Palavras-chave: Capital. Crédito. Crise. Transição. Socialismo.

Abstract

This article aims to analyze the credit and interest system in Section V of Book 3 of Marx's *Capital*. Thus, it seeks to show how the development of the credit system acts in a more revolutionary way, accelerating the process of extracting surplus value and, also, accelerating the process of negating the negation of the capitalist mode of production. Faced with this important factor for understanding the transition process described by Marx, we argue that the key to the transition process and the negation of the negation of the capitalist mode of production is found in the consecrated passages on the subject in Book 3 of *Capital*, including the letters and contacts with the working class in which

²² Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4234-0471> / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6736867060595910> / E-mail: ricardopdemelo@gmail.com. Esse texto é uma versão modificada de parte de minha Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) defendida em 2015, sob a orientação do Prof. Dr. Hector Benoit.



Marx attacks the predatory and parasitic form of interest-bearing capital and the importance of working-class organization in the face of dispossession caused by capital.

Keywords: Capital. Credit. Crisis. Transition. Socialism.

Resumo

Ĉi tiu artikolo celas analizi la krediton kaj interezsistemon en Sekcio V de Libro 3 de La Kapitalo de Markso. Tiel, ĝi celas montri kiel la evoluo de la kreditsistemo agas en pli revolucia maniero, akcelante la procezon de ekstraktado de plusvaloro kaj, ankaŭ, akcelante la procezon de neado de la negacio de la kapitalisma produktadmaniero. Fronte al ĉi tiu grava faktoro por kompreni la transirprocezon priskribitan de Marx, ni argumentas, ke la ŝlosilo al la transira procezo kaj la neado de la kapitalisma produktadmaniero troviĝas en la sanktigataj trajtoj pri la temo en Libro 3 de Kapitalo, inkluzive de en la leteroj kaj kontaktoj kun la laborista klaso, en kiuj Markso atakas la rabantan kaj parazititan formon de interes-portanta kapitalo kaj la gravecon de la laborista organizo fronte al la senposedigo kaŭzita de la kapitalo.

Ŝlosilvortoj: Kapitalo. Kredito. Krizo. Transiro. Socialismo.

I

Quando Marx escrevia a versão definitiva de *O Capital* encontrava-se profundamente envolvido pelos acontecimentos econômicos e sociais do seu tempo, principalmente analisando as consequências das crises cíclicas do sistema capitalista que se aprofundavam naquele momento, além de trabalhar ativamente na organização internacional dos trabalhadores. Neste período conturbado a partir da década de 1850, Marx seguiu atentamente os contornos mais gerais do desenvolvimento dos bancos e do sistema financeiro, assim como, a implantação do Banco do Povo e do crédito popular no governo de Luís Napoleão e do progresso da dívida pública dos principais países da Europa. De certa forma, esses temas foram analisados por Marx em diversos artigos do período e sistematizados teoricamente no Livro 3 de *O Capital*.

Assim, com o desenvolvimento do sistema de crédito, Marx pode verificar e analisar o capital portador de juros em sua “potência última”²³. O dinheiro de crédito, juro, dívida pública e as formas antediluvianas do capital são tratadas dialeticamente por Marx na Seção V do Livro 3 da obra máxima do autor. O capital portador de juros é a

²³ São nas primeiras páginas da Seção V do Livro 3 que Marx apresenta a parte conceitual do capital portador de juros, demonstrando como o juro é apenas parte do lucro. Dessa forma, a categoria juro existe a partir da separação entre duas espécies de capitalistas juridicamente opostas: capitalista monetário e capitalista funcionante. Como síntese, Marx apresenta o capital portador de juros como o capital por completo, “pronto e acabado”, a forma mais mistificada e fetichizada do capital.



forma desenvolvida do capital usurário e, ao mesmo tempo, essa categoria não se confunde com a usura²⁴. Marx, procura mostrar que o resultado do desenvolvimento lógico e imanente do conceito de capital tem como ápice o sistema de crédito cujo dinheiro de crédito é a sua expressão mais acabada²⁵. Assim, no modo de produção capitalista, o capital portador de juros atua de maneira mais revolucionária, acelerando o processo de extração de mais-valia e, também, acelerando o processo de sua ruína porque, especialmente o capital à juros sob égide do capital, eleva o grau de separação entre os donos dos meios de produção e o trabalhador. Diante desse fator importante de compreensão do processo de transição e o papel do capital usurário e do juro, pensamos que o estudo da Seção V do Livro 3 de *O Capital*, deve ser tratado com grande rigor teórico.

Defendemos que importantes aspectos do processo de transição e a negação do modo de produção capitalista encontra-se em trechos desta seção do livro, inclusive passagens utilizadas por Marx em cartas enviadas às lideranças da classe trabalhadora na qual criticava a forma predatória e parasita do capital portador de juros e a importância da organização da classe trabalhadora diante da espoliação causada pelo sistema de crédito e do juro. Para esse artigo, discutiremos especialmente sobre o capítulo XXIII do Livro 3 de *O Capital*²⁶ que Marx trata, em algumas passagens, o processo de transição e das contradições do juro na circulação do capital.

II

²⁴ Uma diferença específica (*differentia specifica*) do capital portador de juros e do capital usurário é que este último emprestava a pequenos produtores (artesão e camponeses) e o capital portador de juros é emprestado aos grandes proprietários de terra, isto é, o capitalista originário moderno. Na forma contemporânea, o capital portador de juros é emprestado aos grandes capitalistas em geral.

²⁵ Para uma análise dos diferentes tipos de circulação do dinheiro e do dinheiro de crédito em Marx, consultar MELO, Ricardo. **Marx e a circulação capitalista**. Campinas: Unicamp, 2015 (Tese de Doutorado em Filosofia).

²⁶ Todas as citações referentes ao *Capital* serão citadas no texto da seguinte maneira: a) MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro Terceiro. Tomo 1: O processo global da produção capitalista. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1984, será citado no corpo do texto como OC IIIa, seguido pelo número da página; b) MARX, Karl. **Teorias da mais-valia**: história crítica do pensamento econômico. Volume 3. Tradução Reginaldo Sant'anna. São Paulo: Difel, 1985, será citado no texto como TMV III, seguido pelo número da página; c) MARX, Karl. **Das Kapital**. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: Werke (Band 25). Berlin: Dietz Verlag, 1983 será citado no texto como MEW 25, seguido pelo número da página; d) MARX, Karl. **Theorien über den Mehrwert**. Dritter Teil. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: Werke (Band 26.3). Berlin: Dietz Verlag, 1968 será citado no texto como MEW 26.3, seguido pelo número da página.



O período que vai de 1878 a 1922, isto é, a data de publicação do livro o *Anti-During* de Friedrich Engels até período imediatamente posterior à Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, é de vital importância dos contornos posteriores da teoria marxista e da própria interpretação dos textos de Marx. Além disso, não é possível menosprezar os traços conjunturais importantes da história econômica e política da Europa no período citado. Dentre esses traços conjunturais, podem-se destacar a ampliação e divulgação dos movimentos grevistas, a universalização do sufrágio universal, a ascensão dos partidos socialistas, nacionalismo, conservadorismo, militarismo, imperialismo etc.

Trata-se de importantes transformações do desenvolvimento capitalista e um “divisor de águas” na história das obras de Marx, principalmente das interpretações em torno de *O Capital*. É um período fértil para a discussão dos principais marxistas (independentemente de suas filiações políticas), tais como, Bernstein, Kautsky, Luxemburg, Lenin, Trotsky, Bauer, Hilferding. É importante lembrar que é nesse período, mais especificamente, pós-óbito de Marx que vão acontecer as compilações dos Livros 2 e 3 de *O Capital*.

Diante dessa conjuntura, nos vários apontamentos de *O Capital*, Engels vai sugerir uma reorientação no pensamento de Marx, alterando em diversos aspectos da exposição dialética do seu conteúdo e quebrando a sequência lógica dos parágrafos. Isso também é perceptível nas diversas introduções escritas por ele das obras de Marx após 1883²⁷. Consoante com essa visão de Engels, vários autores contemporâneos irão buscar uma “nova” interpretação de *O Capital*, buscando acima de tudo a atualização empírica do desenvolvimento do sistema de crédito, assim como sugere Engels nas passagens na Seção V do Livro 3.

²⁷ Ver também o debate sobre o positivismo e o marxismo nas obras do último Engels em ANTUNES, Jadir; CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique. Questões acerca da chamada dialética da natureza. **Revista Educere et Educare** (Impresso), v. 8, p. 33-55, 2009. BENOIT, Hector. Da dialética da natureza à derradeira estratégia política de Engels. In: BOITO, Armando et ali. **A Obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações**. São Paulo: Xamã, IFCH-Unicamp, 2000. MUSSE, Ricardo. Sistema e método no último Engels. **Revista Discurso**. São Paulo: USP, FFLCH, v. 30, p. 87-100, 1999. MUSSE, Ricardo. A dialética como método e filosofia no último Engels. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo, v. 5, p. 40-54, 1997.



É interessante notar que Engels sempre procurou atualizar *O Capital* de Marx mostrando, sempre que possível, novos dados empíricos da teoria materialista que configurava uma “nova fase” do capitalismo. No adendo do Livro III intitulado “A Bolsa”, Engels, procurando atualizar empiricamente as análises das situações atuais no final do século XIX, considera que o capitalismo “sobreveio uma transformação que hoje confere à bolsa importância consideravelmente elevada”²⁸. O elemento temporal e empírico está presente regularmente nos apontamentos de Engels, conforme observa-se: “A importância das ações ferroviárias, comparadas com a de hoje (jetzt) [...] Naquela época (Damals war noch) [...] Naquele tempo (Damals also)”²⁹.

Esse adendo escrito por Engels provavelmente no ano de 1895 está dividido em 7 apontamentos que segundo ele, relata:

Mientras tanto, estoy a punto de terminar, para la N[eue] Z[eit], un texto que te gustará: ‘Complemento y anexo al Capital, Livro III: Ley del valor y cuota de beneficio’. Respuesta a las objeciones de Sombart y de C[onrad] Schmidt. Más tarde seguirá el número 2: el papel de la Bolsa que ha experimentado importantísimos cambios desde que Marx escribió sobre el particular en 1865. Conforme a las necesidades y el tiempo de que disponga, habrá una continuación. Si yo hubiera tenido mente libre, el primer artículo ya estaría terminado³⁰.

Neste sentido, nas páginas dedicadas ao desenvolvimento do capital portador de juros e sobre o sistema de crédito, os economistas e sociólogos buscaram resolver as lacunas deixadas por Marx, principalmente fazendo as “atualizações” sugeridos por Engels, isto é, partindo como pressuposto as aparências empíricas das manifestações conjunturais e não do objeto teórico e dialético de *O Capital*.

A partir dos problemas referentes ao desenvolvimento do capital portador de juros e o final da seção V do Livro 3 de *O Capital* empreendeu-se um acalorado debate sobre a “teoria do colapso”, isto é, a possibilidade de transição ao socialismo ou a negação da negação. O primeiro a participar desse debate foi Eduard Bernstein, amigo de Engels e líder da Social-Democracia Alemã.

²⁸ Engels, F. A Bolsa (*Die Börse*). In: OC IIIb, p. 333; MEW 25, p. 917.

²⁹ Engels, F. A Bolsa (*Die Börse*). In: OC IIIb, p. 333; MEW 25, p. 917.

³⁰ Carta de Engels a Kautsky de 21 de maio de 1895. Cf. MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas sobre El Capital**. Barcelona: Laia, 1974, p. 318.



Bernstein já havia manuseado o Livro 3 logo após a edição de Engels e, por sua vez, utilizando-se dos apontamentos e acréscimos deixados por Engels, vai defender que com a consolidação do sistema de crédito, o capitalismo criou elementos capazes de impedir as crises devastadoras. Esse diagnóstico de Bernstein se encaixaria perfeitamente na atualização do programa político da classe trabalhadora nas correntes intelectuais europeias a partir da virada do século XIX.

Em parte, essa proposta de “atualização” empírica de *O Capital* proposta por Bernstein já estava presente na leitura engelsiana da dialética de Marx. Com um novo “pressuposto do socialismo”, Bernstein observara que as tarefas da classe operária e do desenvolvimento do capital também se transformariam. Isso significou todo um processo de revisão teórica do marxismo, mas principalmente subestimando o papel importante da exposição dialética do capital.

É inegável que o modo de produção capitalista passa por inúmeras metamorfoses e que Marx não havia nem sequer terminado os capítulos que desenvolveria sobre o sistema de crédito e o capital acionário. Mas, diferente da posição de Engels (e Bernstein), Marx procurou escrever uma obra dialética e não uma obra de economia positiva ou descritiva. Para entender o papel do desenvolvimento das formas antediluvianas do capital em Marx torna-se fundamental buscar a imanência da obra máxima de seu autor e como ele procurou resolver as questões do desenvolvimento interno do capital.

Marx, nesse sentido, daria “vida na matéria” da contradição imanente entre a economia política da burguesia e a economia política da classe trabalhadora. De um lado, a ciência ideológica da classe dominante e, de outro lado, a atribuição histórica dada por Marx à classe trabalhadora enquanto sujeito. Em *O Capital*, Marx daria uma formulação teórico-filosófica a uma oposição imanente das categorias postas historicamente.

Segundo Benoit, Marx romperia com toda tradição não-dialética e dos “saberes do entendimento” para pensar uma ciência negativa, negação da negação, que pudesse expor dialeticamente as contradições do conceito mais geral e também múltiplo do capital. A determinação última do conceito de capital, a universalidade concreta e necessariamente científica, é a exposição imperiosa da negatividade das categorias e a



sua realização conceitual-temporal. Dessa forma, pouco a pouco no decorrer dos três livros de *O Capital*, Marx vai apresentando “as contradições lógicas do capitalismo e postos os seus pressupostos históricos”. Para Benoit, esse momento na obra do autor: “[...] a procura do momento sintético do analítico, isto é, a superior e interna unidade dialética entre as partes, o momento propriamente dialético”³¹.

Nesta perspectiva, Marx já em seu tempo, colocava que a tendência história do capital portador de juros, isto é, forma desenvolvida do capital usurário, é o momento rigoroso da unidade entre teoria e práxis, a forma ideal de expressão do conteúdo oculto que essa categoria se encontrava ainda nos escombros das fases pré-capitalistas de produção³². O desenvolvimento histórico do capital a juros significa, para Marx, o final de um percurso categorial e o início do processo histórico transitivo, a dissolução da própria forma capitalista de produção em barbárie ou revolução.

Para Benoit a “história é entendida exatamente como o devir contraditório que surge na maneira antagônica através do qual, a partir de um certo momento, os homens produzem e reproduzem a sua vida”³³. Seguindo os passos dos textos de Benoit, Marx estaria pensando a temporalidade como um processo contraditório do presente posto, ou seja, as contradições da própria história do modo de produção capitalista são analisadas dialeticamente e a maneira pela qual se realiza sua superação, uma superação negativa, a negação da negação.

Diferente da maioria das leituras positivas e economicistas de Marx, neste trabalho procura-se mostrar que o autor não faz uma teoria empírica da história para descrever e analisar dados estatísticos de diversos povos com suas riquezas que serviriam para futuras atualizações. Na verdade, Marx constrói uma teoria da história mundial, uma história do presente posto do modo de produção capitalista, onde o conceito (e todas as suas potencialidades) se manifesta na totalidade do real.

³¹ BENOIT, Hector. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. *Crítica Marxista*, Editora Xamã, v. n 4, p. 09-44, 1997.

³² AVINERI, Shlomo. *O pensamento político e social de Karl Marx*. Coimbra: Coimbra, 1978. p. 320: “[...] a análise que Marx elabora do capitalismo não se confinou ao chamado capitalismo ‘primitivo’ ou inicial, o qual fundia propriedade directa com *controle* efectivo. Resulta claro que é totalmente falsa a idéia de que Marx nunca encarou uma forma mais sofisticada de capitalismo, com a propriedade legal divorciada do *controle* efectivo. Pelo contrário, Marx foi um dos que primeiro previram este desenvolvimento como uma consequência necessária das necessidades internas da sempre crescente expansão capitalista”.

³³ BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: Caio Navarro de Toledo. (Org.). *Ensaio sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998.



Nesta perspectiva, voltando ao texto do próprio Marx, apresentaremos algumas notas sobre o desenvolvimento do sistema de crédito e o processo de transição ao socialismo exposta na Seção V do Livro 3.

III

Já em seu tempo, Marx criticava as hipóteses dos economistas vulgares e dos banqueiros sobre a origem do juro como *mero* fruto do capital e, portanto, o capital ser gerado pelo próprio capital. Dessa hipótese absurda, o resultado seria a independência absoluta entre o capital industrial e o capital portador de juros. Neste sentido, Marx procurava, então, mostrar as concepções equivocadas do socialista francês Pierre-Joseph Proudhon sobre o juro e criticar o programa socialista “pequeno-burguês” que, de certa forma, era a base do desenvolvimento do chamado Banco do Povo e do crédito popular.

Para Marx, Proudhon nunca compreendeu que o dinheiro é a forma necessária do desdobramento da contradição interna da mercadoria e ele também nunca diferenciou as formas como o dinheiro se apresenta na circulação. Por isso, segundo Marx, Proudhon confundia as diferenças conceituais entre o dinheiro e o capital.

Para Proudhon, o juro significava uma figura “prejudicial” do processo de troca por considerá-lo como uma forma “excedente” sobre o preço final das mercadorias e paga totalmente pelos trabalhadores, isto é, “tudo deve ser *vendido*, e nada *emprestado*”³⁴ e, dessa forma, o juro adiciona ao salário, provocando o aumentando dos custos de reprodução dos trabalhadores. O capitalista financeiro empresta, frequentemente, o mesmo dinheiro diversas vezes no processo de troca e, com isso, não acontece nenhuma venda ou compra, apenas aumento da circulação do dinheiro.

Segundo Proudhon, o juro faz aumentar o preço da mercadoria e o trabalhador, com isso, fica impossibilitado de comprar a mercadoria por causa do aumento do preço. Para Marx, o juro em nada altera o valor dos “chapéus de Proudhon”, mas apenas a distribuição da mais-valia contida nesse valor entre pessoas diferentes.

³⁴ TMV III, p. 1561; MEW 26.3, p. 515.



Ironicamente, Marx critica Proudhon por querer que o trabalho volte às formas primitivas de produção³⁵, protegendo o trabalho assalariado dos “embaraços” do juro. “Os chapeleiros de M. Proudhon não parecem ser *capitalistas*, mas principiantes, aprendizes do ofício”³⁶.

Os socialistas proudhonianos defendiam a mercadoria para atacar o dinheiro, como se os juros fossem uma propriedade da circulação simples do dinheiro. De certa forma, o procedimento utilizado pelos proudhonianos é apresentar o “dinheiro sem valor”, artifício muito semelhante praticado pelos monetaristas seguidores de David Ricardo e do *Currency Principle*.

Proudhon não percebeu o movimento específico do capital portador de juros. Isso o levou a confundir o juro na formação do preço de produção da mercadoria. A introdução do juro no processo em nada altera o preço da mercadoria, mas modifica a distribuição da mais-valia entre os dois capitalistas³⁷.

Os socialistas proudhonianos e os reformistas possuem em comum, do ponto de vista do programa socialista, atacar a forma mais fetichizada do capital, sem criticar os seus pressupostos, ou seja, a própria produção do capital (da mais-valia). Eles defendiam a mercadoria industrial contra o juro bancário “que hoje empavona de ‘socialismo’” é um grande desconhecimento do próprio desenvolvimento contraditório do capital.

Como o juro nunca é vendido, mas emprestado, os capitalistas sempre ficam mais ricos, pois sempre recuperaram o capital de empréstimo. Dessa análise equivocada do juro, os partidários de Proudhon foram eloquentes defensores do chamado “Banco do Povo”, atirando-se ao ataque da forma-juro, principalmente aos milhões anuais

³⁵ AVINERI, Shlomo. **O pensamento político e social de Karl Marx**. Coimbra: Coimbra, 1978. p. 320: “[...] a análise que Marx elabora do capitalismo não se confinou ao chamado capitalismo ‘primitivo’ ou inicial, o qual fundia propriedade directa com *controle* efectivo. Resulta claro que é totalmente falsa a idéia de que Marx nunca encarou uma forma mais sofisticada de capitalismo, com a propriedade legal divorciada do *controle* efectivo. Pelo contrário, Marx foi um dos que primeiro previram este desenvolvimento como uma consequência necessária das necessidades internas da sempre crescente expansão capitalista”.

³⁶ TMV III, p. 1561; MEW 26.3, p. 515.

³⁷ A crítica à Proudhon e toda a corrente que acredita na justiça simplesmente pelo viés jurídico e esquece da relação econômica mesma que é ocultada pelo cotidiano das mercadorias. O ideal de justiça de Proudhon e o juridicismo reformista do Estado seriam, para Marx, um fracasso, pois as relações capitalistas se dão objetivamente nas relações econômicas entre mercadorias e protegidas por seus guardiões privados que se personificam por meio das mercadorias.



decorrentes da dívida pública, “isso significa apenas que não se deve passar da acanhada produção pequeno-burguesa-camponesa e artesanal para a indústria moderna”³⁸. O projeto de reforma dos bancos proposto por Darimon, um partidário de Proudhon, é contra o capital portador de juros, sem lançar-se na crítica a produção capitalista.

Assim, depois de apresentar as críticas aos socialistas franceses, Marx apresenta a forma transitória a partir das fábricas falidas por causa da espoliação do sistema de crédito:

Esta abolição (*Aufhebung*) do modo de produção capitalista dentro do próprio modo de produção capitalista e, portanto, uma contradição que abole a si mesma e que *prima facie* se apresenta como simples ponto de passagem para uma nova forma de produção³⁹.

Mais uma vez, Marx se utiliza da linguagem hegeliana, *Aufhebung*, para precisar o significado dialético transitório da “negação da negação” do modo de produção capitalista, pelas suas bases internas e contraditórias. Como Marx relata a Engels, “el capital por acciones, como la forma mais perfecta (que desemboca no comunismo), con, al mismo tiempo, todas sus contradicciones”⁴⁰.

Evidente, como bem nota Shlomo Avineri⁴¹, que o pensamento de Marx sobre o processo de transição ao socialismo apresentado no capítulo XXVII do Livro 3, se aproxima, na mesma direção, do significado dialético de transição no final do Livro 1 de *O Capital*. A *Aufhebung* é a alternativa do desenvolvimento imanente contraditório do próprio capital.

Na sociedade por ações, o pagamento dos acionistas e a função da empresa em pagar os juros aos investidores tornam-se a finalidade da empresa, todo o processo real de produção de mais-valia é mistificado neste processo. A produção e apropriação da riqueza são capitalistas, mas o capitalista funcionante não tem o controle total da propriedade privada. Assim:

Esse resultado do máximo desenvolvimento da produção capitalista é um ponto de passagem necessário para a retransformação do capital em propriedade dos produtores, porém não mais como propriedade

³⁸ TMV III, p. 1561; MEW 26.3, p. 515.

³⁹ OC IIIa, p. 333.

⁴⁰ Carta de Marx a Engels de 2 de abril de 1858. Cf. MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas sobre El Capital**. Barcelona: Laia, 1974, p. 77.

⁴¹ AVINERI, Shlomo. **O pensamento político e social de Karl Marx**. Coimbra: Coimbra, 1978, pp. 316-317.



privada de produtores individuais, mas como propriedade dos produtores associados, como propriedade diretamente social. É, por outro lado, ponto de passagem para a transformação de todas as funções do processo de reprodução até agora ainda vinculadas à propriedade do capital em meras funções dos produtores associados, em funções sociais⁴².

Para Marx, as fábricas cooperativas dos próprios trabalhadores são a primeira ruptura com o modo de produção capitalista, embora reproduzam os defeitos do sistema do capital. Nas cooperativas de trabalhadores associados, o trabalho de superintendência desaparece. Neste ponto, com o desenvolvimento das cooperativas de trabalhadores, Marx apresenta uma crítica ao “paladino do capital industrial e comercial”, direcionada ao movimento proudhoniano:

Isso só é possível na base do trabalho livre se este for proprietário das condições de produção. O trabalho livre se desenvolve dentro da produção capitalista na qualidade de trabalho social (*als gesellschaftliche Arbeit*). Ser ele proprietário das condições de produção significa portanto que estas pertencem aos trabalhadores associados, que estes produzem nessa condição e subsumem (*subsumieren*) a si a própria produção como produção socializada (*ihre eigne Produktion unter sich als vergesellschaftete*)⁴³.

As fábricas cooperativas devem ser consideradas como as formas de transição do modo de produção capitalista ao modo associado. Para Marx, as fábricas cooperativas dos próprios trabalhadores são a primeira ruptura com o modo de produção capitalista, embora reproduzam os defeitos do sistema do capital. Mas, a antítese entre o capital e o trabalho no interior da fábrica já estão abolidas. Assim:

Elas demonstram como, em certo nível de desenvolvimento das forças produtivas materiais e de suas correspondentes formas sociais de produção, se desenvolve a forma naturalmente um modo de produção, **um novo modo de produção** [...] As empresas capitalistas por ações tanto quanto as fábricas cooperativas devem ser consideradas formas de transição do modo de produção capitalista ao modo associado, só que, num caso a antítese é abolida e, no outro, positivamente⁴⁴.

Com o desenvolvimento do sistema de crédito, as forças produtivas são alavancas no seu grau máximo (“até seus limites extremos”). O sistema de crédito

⁴² OC IIIa, p. 332. Segundo AVINERI, *op. cit.*, p. 319: “A extensa nota de que Engels fez acompanhar este passo sugere que não entendeu o imenso significado metodológico da análise de Marx”.

⁴³ TMV III, p. 1560; MEW 26.3, p. 514.

⁴⁴ OC IIIa, p. 334.



acelera o processo de acumulação do capital e eleva o desenvolvimento do mercado mundial e com elas suas crises. Agora as crises não são elementos isolados. O crédito e o mercado mundial ligados pelo grande capital cumprem a tarefa histórica do modo de produção capitalista. Com isso, neste momento expositivo, a transição para um novo modo de produção apenas pode se dar com uma revolução mundial, assim como, “o crédito acelera as erupções violentas dessa contradição, as crises e, com isso, os elementos da dissolução do antigo modo de produção”⁴⁵.

É digno de nota que enquanto escrevia *O Capital*, Marx participava da fundação e organização da I Internacional dos Trabalhadores. Para Hector Benoit⁴⁶ isso não é acidental, pois a obra máxima de Marx é a expressão revolucionária da classe trabalhadora, enquanto teoria e prática. No *Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores* fundada em 1864, escrito por Marx de 21 a 27 de outubro, ele se utiliza de diversas passagens que posteriormente serão publicadas na Seção V do Livro 3, que avigora a visão de Benoit sobre uma “teoria dialética e programática da revolução”. Neste *Manifesto* escrito por Marx, notam-se as analogias entre a teoria e a prática:

[...] em plena luz do dia, a economia política burguesa sucumbia ante a economia política da classe operária [...] Referimo-nos ao movimento cooperativo, principalmente às fábricas cooperativas levantadas pelos esforços desajudados de alguns *hands* audazes. O valor dessas grandes experiências sociais não pode ser superestimado. Pela ação, ao invés de pôr palavras, demonstraram que a produção em larga escala e de acordo com os preceitos da ciência moderna, pode ser realizada sem a existência de uma classe de patrões que utilizam o trabalho da classe dos assalariados [...] o trabalho assalariado é apenas uma forma transitória e inferior, destinada a desaparecer diante do trabalho associado que cumpre a sua tarefa, com gosto, entusiasmo e alegria⁴⁷.

Para finalizar, esse breve artigo procurou mostrar o rigor conceitual de Marx ao apresentar as contradições no interior do próprio capital, mais especificamente as contradições do sistema de crédito que no desenrolar da crise econômica surge a

⁴⁵ OC IIIa, p. 335.

⁴⁶ BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo: Xamã, n° 03, 1996. Ver também BENOIT, Hector. O conceito de transição de Marx ou receita do futuro. In: Andréa Galvão. (Org.). **Marxismo, capitalismo, socialismo**. São Paulo: Xamã, 2008, p. 145-165.

⁴⁷ MARX, K.; ENGELS, F. **Textos II**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 319.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

necessidade de organização da classe operária. Assim, no modo de produção capitalista, o capital portador de juros atua de maneira mais revolucionária, acelerando o processo de extração de mais-valia e, também, acelerando o processo de sua decadência, pois aumenta o grau de separação entre os donos dos meios de produção e o trabalhador.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jadir; CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique. Questões acerca da chamada dialética da natureza. **Revista Educere et Educare** (Impresso), v. 8, p. 33-55, 2009.

AVINERI, Shlomo. **O pensamento político e social de Karl Marx**. Coimbra: Coimbra, 1978.

BENOIT, Hector. A luta de classes como fundamento da história. In: Caio Navarro de Toledo. (Org.). **Ensaio sobre o Manifesto Comunista**. São Paulo: Xamã, 1998.

BENOIT, Hector. Da dialética da natureza à derradeira estratégia política de Engels. In: BOITO, Armando et ali. **A Obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações**. São Paulo: Xamã, IFCH-Unicamp, 2000.

BENOIT, Hector. O conceito de transição de Marx ou receita do futuro. In: Andréa Galvão. (Org.). **Marxismo, capitalismo, socialismo**. São Paulo: Xamã, 2008.

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo: Xamã, n° 03, 1996.

BENOIT, Hector. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. **Crítica Marxista**, Editora Xamã, v. n 4, p. 09-44, 1997.

MARX, Karl. **Das Kapital**. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: Werke (Band 25). Berlin: Dietz Verlag, 1983.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Terceiro. Tomo 1: O processo global da produção capitalista. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico**. Volume 3. Tradução Reginaldo Sant'anna. São Paulo: Difel, 1985.

MARX, Karl. **Theorien über den Mehrwert**. Dritter Teil. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich: Werke (Band 26.3). Berlin: Dietz Verlag, 1968.

MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas sobre El Capital**. Barcelona: Laia, 1974.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação
filosófica, científica e tecnológica.

MARX, K.; ENGELS, F. **Textos II**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977

MELO, Ricardo. **Marx e a circulação capitalista**. Campinas: Unicamp, 2015.

MUSSE, Ricardo. A dialética como método e filosofia no último Engels. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo, v. 5, p. 40-54, 1997.

MUSSE, Ricardo. Sistema e método no último Engels. **Revista Discurso**. São Paulo: USP, FFLCH, v. 30, p. 87-100, 1999.